

DO FORMALISMO AO FOLHETIM: O ENSINO DA “LITERATURA EM PERIGO” NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS

ODIL JOSÉ DE OLIVEIRA FILHO (UNESP/FCL DE ASSIS), ADRIANA DE CAMPOS RENNÓ (UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP/CAMPUS ASSIS).

Resumo

A atual onda de revisões da influência das correntes imanentistas no ensino da literatura vem, depois de mais de trinta anos de intensa atividade crítica em nosso País, superar, finalmente, o falso dilema (fruto, na verdade, mais de leituras equivocadas e redutoras daquelas correntes) entre o texto e a vida. Na ânsia de recuperar o diálogo interrompido entre a literatura e o mundo, passa-se, então, a recomendar, nos Cursos de Letras, sem mais pejo, a necessária consideração das preferências literárias de grandes públicos, encontradas, principalmente, por força do mercado, nos chamados best-sellers. Pode-se correr o risco, agora, de (a radicalizar-se a tendência liberadora) orientar-se o ensino de literatura unicamente pelo “gosto”, pela tarefa de provocar unicamente o encontro identificativo entre o texto e o leitor, podendo-se colocar, assim, mais uma vez em perigo, as relações estéticas transfiguradoras que a arte literária estabelece com o mundo. A comunicação proposta pretende refletir sobre as influências desse momento complexo por que passam as considerações a respeito dos alcances formadores da literatura na realidade cultural brasileira contemporânea, levando-se em consideração, ainda, a necessidade de manutenção dos “clássicos” e, ao mesmo tempo, de atender à demanda proveniente da cultura de massa, de onde se origina a grande maioria dos alunos que ingressam nos Cursos de Letras.

Palavras-chave:

Literatura e ensino, Ensino Superior, Licenciatura em Letras.

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. (Todorov, 2007)

O Fausto, o Dom Quixote, Os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular. (Candido, 1988)

As ideias expostas por Tzvetan Todorov, em seu último livro, *A Literatura em perigo*, publicado em 2007, na França, e traduzido, no Brasil, em 2009, devem ter sido recebidas com surpresa, principalmente entre nós, leitores brasileiros. Afinal, o crítico búlgaro aparecia-nos até então como um dos ícones dos estudos estruturalistas, cuja larga penetração teórica em nossos cursos de Letras, desde há mais de 40 anos, tornavam-no um dos representantes supremos daquelas correntes da Teoria Literária. O que surpreende é encontrar, nesse seu último trabalho, um Todorov fazendo uma espécie de *mea culpa*, por ter contribuído para o incremento de uma corrente crítica cuja ênfase nos aspectos imanentistas, no estudo dos textos literários, acabou por afastar a literatura da vida, favorecendo, assim, tanto a produção de obras de caráter melancolicamente “egotistas”,

solipsistas e indiferentes ao mundo, quanto uma recepção eminentemente "técnica" do texto.

Talvez seja por isso que o intento, por parte de Todorov, de uma espécie de revisão de sua posição crítica anterior assuma um tom entre a urgência e o alerta (o que, talvez, explique o título do livro), sendo vazado numa linguagem algo confessional e que adentra pela própria autobiografia do Autor. Nesse sentido, ironicamente, poder-se-ia dizer, por esses aspectos construtivos, *A Literatura em perigo* cumpriria já "formalmente" o intento revisionista de Todorov de resgatar a vida que a teoria e o teórico da literatura haviam suprimido na sua produção anterior...

Entre as informações biográficas arroladas, a que mais nos interessa destacar aqui é aquela que parece ter sido uma das principais responsáveis por alertar o crítico para a situação concreta dos estudos literários na atualidade. Como não lecionou no Ensino Básico e o fez muito pouco no Ensino Universitário, Todorov confessa que só pôde perceber o que se passava com os estudos literários, na escola, quando, já pai, viu seus filhos, com a sua ajuda em casa, tirarem notas medíocres nas avaliações de Língua Francesa.

Por essa altura, conforme diz, Todorov já havia perdido seu interesse exclusivo pelos métodos formalistas da análise literária e passara a dedicar-se à análise em si, "isto é, aos encontros com os autores", visto que, passando a viver na França e deixando a Bulgária, os valores "contidos em cada obra não se viam mais aprisionados numa coleira ideológica preestabelecida, não havia mais razão para pô-los de lado e ignorá-los" (2009: p.21). Referencia, então, as obras que foi produzindo, liberto das limitações do interesse exclusivo pela matéria verbal da fase estruturalista, obras como: *A conquista da América: a questão do outro*, sobre os relatos dos conquistadores espanhóis e também de astecas e maias sobre o encontro entre culturas diferentes na América; *Em face do extremo*, sobre textos dos antigos deportados dos campos russos e alemães; e *Os aventureiros do absoluto*, exame da correspondência de alguns escritores, sobre o projeto existencial que assumiram de colocar sua vida a serviço do Belo.

Convencendo-se, pois, nessa trajetória, de que a literatura poderia proporcionar que cada um respondesse melhor "à sua vocação de ser humano" (Todorov, 2009: p.24), foi com espanto que, a partir da constatação do que acontecia com seus próprios filhos, Todorov veio a perceber que esse papel humanizador da literatura não era reconhecido por todos, principalmente pelos responsáveis por introduzirem a literatura na escola. Essa situação torna-se mais clara para ele, quando é nomeado, pelo Ministério da Educação francês, para ocupar um posto no Conselho Nacional de Programas e pode ter, enfim, uma visão mais profunda sobre o ensino literário nas escolas francesas - cargo que ocuparia entre os anos de 1994 e 2004.

Não é sem espanto que, ao examinar os programas dos liceus franceses, percebe que os estudos literários nesses níveis "têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem", e declara, não sem um quê de desapontamento: "Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos" (Todorov, 2009: p.26-7).

Depois, um pouco mais à frente, relembra o colóquio organizado, em 1969, em colaboração com Serge Doubrovsky, de Cérisy-la-Salle, cujo tema era, justamente, "o ensino da literatura" e cuja intenção primordial era tenta estabelecer um ponto de equilíbrio interno e externo entre a teoria e a prática literárias. Entretanto, diz, "não foi como as coisas se passaram [...], hoje

prevalecem as abordagens internas e as categorias da teoria literária" (p.37). E, por fim, ao entender como plenamente justificado o desinteresse crescente que os alunos franceses vêm demonstrando pela literatura e pelos cursos de Letras, diz: "Por que estudar literatura se ela não é senão a ilustração dos meios necessários à sua análise?" (p.39)

O acerto de contas todoroviano com a literatura parece ser importante para nós, brasileiros, que nos preocupamos com a literatura e os estudos literários, não tanto pelas afirmações a respeito do potencial humanizador da arte literária, mas por provirem da boca de um dos maiores ícones das tendências formalistas da Teoria Literária, que, talvez a exemplo do mesmo esquematismo a que reduzimos o próprio Estruturalismo entre nós, tornou-se, sem o merecer, instrumento involuntário de nossas leituras formalistas durante tanto tempo. E isso porque, desde os textos mais explícitos sobre a questão, de Antonio Candido, *A literatura e a formação do homem* (1972) e *O direito à literatura* (1989), e todo o debate travado, quase solitariamente, por ele com todas as hordas estruturalistas, as possibilidades de uma formação humanizadora pela literatura têm sido assumidas por muitos de nós.

Nesse sentido, não é nada surpreendente que, na esteira dessa tradição, há muitos anos, mais especificamente em 1987, no âmbito deste mesmo COLE (o 6º), Marisa Lajolo alertasse-nos sobre as distâncias entre teoria e prática, entre o ensino teórico da literatura na Universidade e a utilização prática dessa teoria no Ensino Básico - e cuja discrepância, como vimos, causou escândalo a Todorov. Dizia, àquela altura, Marisa Lajolo (1995), que a escola devolvia criticamente à Universidade a imagem de literatura que emanava dessa mesma Universidade, mas totalmente deformada e quase irreconhecível, por força de sucessivas adaptações, que acabavam por desfigurar a teoria, transformando-a numa atividade meramente mecânica e sem sentido. E, como que a descrever o impacto causado em Todorov, tanto por aquilo que veio a perceber nas tarefas escolares dos filhos, quanto na condição de membro do Conselho Nacional de Programas francês, diz que a percepção dessas distorções

[...] talvez crie condições objetivas para que aqueles que se ocupam de teorias literárias se ocupem delas, levando também em conta as práticas sociais nas quais circula o objeto de que se ocupam: o texto chamado de literário. (p.121)

Se a superação da rigidez estruturalista por Todorov dá-se pela altura de meados dos anos 70, do século passado, nos ares democráticos franceses, há que se lembrar aqui das experiências desenvolvidas por Lígia Chiappini Moraes Leite (inspiradas naquelas desenvolvidas por Maria Tereza Fraga Rocco e Marisa Lajolo) numa época, ainda, de clima ditatorial, e consubstanciadas, mais tarde, no livro *A invasão da catedral: Literatura e ensino em debate*, de 1983. Como professora do Curso de Letras, Lígia Chiappini confessa, inicialmente, a sua adesão total ao Estruturalismo, no final da década de 70, traçando um retrato que foi certamente o de muitos de nós:

Os alunos não sabiam escrever, mas nós partíamos do pressuposto de que, como universitários, deveriam saber; os alunos não tinham o hábito de ler textos literários, e nós lhes propúnhamos decompor poemas e contos em unidade e subunidades, como se esses textos e as técnicas que eles manipulam lhes fossem familiares [...]. Na realidade não havia nada disso, porque a escola secundária, há muito tempo em crise, não preparava os alunos segundo as expectativas dos

professores universitários. Mas nós continuávamos trabalhando sobre esses pressupostos todos, colhendo cada vez mais insatisfações. (p.29)

Na década de 80, numa universidade já estruturada sobre um projeto de eficácia e de produtividade, assistiu-se, segundo Lígia Chiappini, nos cursos de Letras, à substituição definitiva da filologia e da história literária pela linguística e, diz ela, "continuamos sem sentir nem entender realmente o que lemos e escrevemos, desvinculando a palavra da vida, a leitura e a escrita da experiência, sua fonte" (p.90).

Para a Autora, o que houve foi um *transplante*, uma adoção acrítica do Estruturalismo entre nós, numa época difícil e problemática para a vida cultural brasileira - a segunda metade da década de 60:

[...] é a época de grande expansão numérica do ensino universitário no Brasil, com superpopulação nos cursos de Humanas e fácil incentivo às faculdades particulares que proliferam. Esse fato e mais a situação geral do País, avessa ao debate e à crítica, no auge da repressão, criou um terreno propício à penetração do Estruturalismo, diluído e "transformado, para além de suas próprias limitações, em paródia de si mesmo, em jargão, lugar-comum, em fórmulas fáceis de ensino" e, ao mesmo tempo, em alibi protetor da falta de conhecimentos do letrado. (p.60)

Curiosamente, Lígia Chiappini dá, em seu livro, informações muito consistentes sobre o Colóquio de Cérisy-la-Salle, referido por Todorov, que promoveu, na verdade, um encontro entre teóricos (como o próprio Todorov, Roland Barthes, Gérard Genette, A.J.Greimas) e professores franceses da Escola Básica, e de onde nasceram propostas ousadíssimas de trabalho com a literatura, muitas delas amparadas no clima cultural do ano de 1968 francês.

Não tão ousadas assim são as propostas do Todorov de hoje. Em linhas gerais, seu pensamento é o de que a teoria deve funcionar como instrumento a serviço da interpretação dos sentidos das obras, cujo sentido último não se esgotaria nunca apenas na explicitação do manejo desse instrumento pelo artista, mas sim na visão internalizada que a obra conseguiria construir sobre a própria vida. Dessa forma, a função humanizadora da literatura cumprir-se-ia por proporcionar o "encontro com outros indivíduos", contribuindo para que adotemos o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, fazendo-nos tender à universalidade e nos permitindo cumprir, assim, nossa vocação humana. Diz, então, Todorov:

É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios - inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, senão com desprezo, desde *Os três mosqueteiros* até *Harry Potter*: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas. (p.82)

Essa admissão escancarada da literatura popular por Todorov, como forma de redimir o perigo que corre a literatura na atualidade, formando leitores que possam mantê-la viva, talvez seja, de fato, o traço mais surpreendente de seu livro. Admitir um produto da cultura de massa, ainda que com as ressalvas da "condescendência" e mesmo do "desprezo", ou, mesmo ainda, pela estratégia propedêutica a que pode servir, é realmente o que demonstra o abalo que lhe pareceram provocar as imagens da literatura que a realidade escolar lhe devolveu. Aí também, no entanto, reside talvez o maior perigo para a repercussão dessas suas ideias entre nós...

Desse modo, assim como, em nenhum momento, Todorov advogue por um fim ou pelo desprezo da teoria - que, conforme metaforiza, deve funcionar como os andaimes na construção de um prédio, que, tão logo construído, já não se veem mais - a função dos "romances populares" visaria a assegurar o gosto, o prazer, pela leitura da literatura, nos primeiros contatos dos alunos com o texto literário na escola, que serão aprofundadas em "leituras posteriores", por textos mais complexos e "nuançados".

Ora, levando-se em consideração que, entre nós, independentemente da aprovação ou não dos professores do Ensino Básico, os alunos que chegam aos cursos de Letras têm, no geral, um conhecimento tão somente "historicista" de nossos clássicos, mas experiências prazerosas e espontâneas com livros como *Harry Potter*, isso poderia levar a que pudéssemos entender como suficiente, para a formação de nossos futuros professores, que tivessem conhecimento, ainda que crítico, dessa literatura de entretenimento. Pois, se é certo, como afirma José Paulo Paes, que o livro para ser fruído, mesmo o de entretenimento, "exige um mínimo de esforço intelectual, dispensável no consumo da imagem falada do vídeo" (Paes, 1990: p.36), parece muito conformista esgotar por aí as possibilidades formadoras que a literatura pode propiciar. Entenda-se: ainda que seja mesmo necessário que exista uma literatura de entretenimento funcionando a todo vapor no Brasil, de preferência a produzida por escritores brasileiros - como defende José Paulo Paes - até para que, da massa de autores produzindo, possam surgir os escritores exponenciais de uma literatura "de problematização e aprofundamento" da cultura de proposta, o ensino da literatura nos cursos de Letras não pode deter-se unicamente nesse âmbito.

Nesse aspecto, é que o livro de Todorov pode render bons frutos entre nós, pois - vindo de quem vem - pode representar a pá de cal sobre as ilusões teoricistas sobre a literatura, fazendo-nos entender, finalmente, o que já nos diziam muitos de nossos próprios estudiosos (e já há um bom tempo), que o texto verdadeiramente literário, como diz, por exemplo, Caio Meira - tradutor e prefaciador do livro de Todorov -, estabelece, sempre, conexões com o mundo real e com a vida contemporânea, e que isso deve refletir-se "na formação dos professores e alunos de literatura". E complementa:

Ou seja, o que Todorov reivindica é que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional (e, por conseguinte, da nossa formação como cidadãos), em especial nos cursos de literatura. (Meira, 2009: p.11)

Talvez assim, libertos da obrigação exclusiva de apenas instrumentalizar teoricamente o futuro professor de literatura, possamos voltar ao "hoje tão desrespeitado" cânone tradicional - como diz Harold Bloom - em busca de um "sofrido prazer", estimulando o aluno a que leia "não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê" (2001: p.25). Ou para propiciar, como quer Ítalo Calvino, que o aluno possa escolher os seus próprios clássicos (1995: p.12-3) e assim também possa proceder com seus próprios alunos.

Favorecendo a leitura literária, liberta dos grilhões exclusivistas tanto das teorias historicistas, formalistas ou estruturalistas, e que não se detenha apenas no entretenimento, mas que busque um "letramento literário" que vise à fruição estética das obras - fator verdadeiro da iluminação da vida e do mundo -, trabalhando, enfim com o *atual*, "seja ele contemporâneo ou não" (Cosson, 2006: p.34), talvez possamos cumprir o que Todorov reivindica para superar o perigo que acomete atualmente a literatura e garantir a todos, como já reivindicava Antonio Candido, há tempos, o "direito à literatura".

Referências Bibliográficas

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nelson Moulin. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*, 24(9), 1972, p.803-9.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p.235-63.

COSSON, Hildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. Mesa redonda com Regina Zilberman, Magda Becker Soares, Mary Kato e Mário Alberto Perini. 6º COLE, 1987. In: ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p.83-121.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *A invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

MEIRA, Caio. Apresentação à edição brasileira. In: TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p.7-12.

PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou: o mordomo não é o único culpado). In: _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990. p.25-38.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.